

**ONE
CITY
ONE
STORY**

Relatividade

Daphne Kalotay

2017



CITY OF BOSTON • MASSACHUSETTS
OFFICE OF THE MAYOR
MARTIN J. WALSH

Dear Reader,

It gives me great pleasure to support the efforts of the Boston Book Festival and their annual short story publication, One City One Story. Celebrating and enhancing the role of arts and culture in the lives of our residents has been a top priority of my administration. Recent programs supporting individual artists, prioritizing public art, and working with local institutions to create nontraditional, affordable performance and rehearsal spaces all help integrate art and artists into the daily life of our city.

Initiatives such as the Boston Book Festival's One City One Story also bring the literary arts to our residents where they live, work, and play. Encountering short fiction at farmers' markets, coffee shops, festivals, City offices, and transit stations reminds Boston readers of the centrality of great literature to the life of our city and encourages us all to engage not only with a great story, but also with each other.

This year's story, written by Somerville author Daphne Kalotay, offers a particularly poignant message about resilience and recovery, as well as about the power of storytelling to build connections between people of different generations and backgrounds. I hope this story will inspire reading, reflection, and discussion, and I encourage you to participate in the conversation. As always, print copies of the story are available throughout Greater Boston free of charge in both English and Spanish, as well as online in several additional languages.

Happy reading!

Martin J. Walsh
Mayor of Boston

Introdução

O Boston Book Festival apresenta o oitavo ano do programa One City One Story (Uma Cidade Uma História), um projeto que tem como objetivo promover literatura entre os jovens e adultos de nossa cidade e criar uma comunidade envolta de uma experiência de leitura compartilhada.

Nossa meta é ter um conto disponível para todos gratuitamente. Ao distribuir 30,000 cópias impressas do conto de Daphne Kalotay “Relativity” (Relatividade) em inglês e espanhol, e ao providenciar arquivos em áudio, arquivos para serem baixados, e traduções adicionais em nossa página, temos como objetivo iniciar discussões que revelam as muitas perspectivas e pontos de vista dos residentes de Boston. Este ano temos o prazer de dar as boas vindas à Bookbub como patrocinador deste programa; se One City One Story acendeu a chama do seu entusiasmo para a leitura, por favor visite bookbub.com para encontrar pechinchas em milhares de ebooks de grande sucesso de vendas.

Esperamos que você leia, aprecie, e discuta “Relativity” em locais de encontro, eventos de bibliotecas, e em nossa página. Se você se sentiu inspirado por esta história para discuti-la ou mesmo para escrever sua própria história, venha ver nossa página de discussões, questões e concursos de redação em nossa página One City One Story no nosso website.

Visite www.bostonbookfest.org/one-city-one-story para saber mais.

Esperamos que você se junte a nós na Copley Square no Boston Book Festival no dia 28 de outubro para conhecer a Daphne Kalotay e participar de uma discussão estilo Town Hall sobre a história.

UMA CIDADE UMA HISTÓRIA – LEIA. PENSE. COMPARTILHE.

Relatividade

De acordo com as anotações em seu arquivo, Rozsa Fischer, noventa e nove anos de idade, da 124 Babcock Street, estava morrendo. Seu coração e seus rins estavam a ponto de falhar, sem mencionar a casca cicatrizando em seu pé, de uma daquelas infecções resistentes a antibióticos. Mesmo assim a casa de repouso a expulsou para casa e a abandonou, depois dela insistir que não queria ter mais nada a haver com eles.

Robert, que estava cuidando do caso de Rozsa Fischer pelos últimos quatro anos, sentou-se desconfortável ao lado de sua cama de hospital. “Nós podemos providenciar um advogado de contrato gratuitamente,” explicou ele, parte da austera conversa que fazia parte de suas tarefas diárias. Ele também iria, mais uma vez, coordenar as consultas médicas restantes de Rozsa Fischer, entrega de comida, serviços de higiene, e as ajudantes que viriam para realizar tarefas e checar se ela tomou seus comprimidos—mesmo que o doutor, um camarada chamado Turley, não parecesse insistir muito sobre os comprimidos.

“Para qualquer documento jurídico que a senhora possa precisar,” continuou Robert, mesmo sentindo-se mal, agora. “Nossos serviços incluem—”

“Traga-me o panfleto do mercado.”

A voz de Rozsa Fischer, com seus ‘erre’s afiados, parecia estar mais forte do que nunca para Robert. Mesmo sendo instruído para realizar tarefas apenas dentro de seu alcance, ele encontrou o *Globe de Domingo* onde o ajudante do fim de semana jogou e buscou as páginas lisinhas da circular do Star Market. Imagens brilhantes de melão-cantaloupe fatiado, salmão grelhado, uvas verdes esborrifadas com água. Ele deu o panfleto para Rozsa Fischer.

Devagar—tão devagar—ela apontou seu longo dedo indicador. No último ano, seus ossos pareciam haver crescido, achatado. Seu peito era côncavo, seus ombros ossudos e cotovelos como as juntas de uma marionete. “O melão está em promoção. Se estiver bonito compre dois.”

Robert tentou não se contorcer na cadeira dura de madeira. “Tenho certeza que seu assistente da tarde não se importará em—”

“E carne moída também. Oitenta por cento está bom, nada mais magro.”

“Sra. Fischer, eu pedi o Meals on Wheels, aquela entrega de refeições para a senhora novamente.” Ele o fez mesmo sabendo de seu hábito de preservar certos pratos, às vezes por semanas para mostrar a ele durante suas visitas mensais, para provar como são pouco apetitosos.

“Dois dólares por uma toranja, isso é um *crime!*”

“Por favor, Sra. Fischer! O Dr. Turley diz que o seu coração—”

“Robert.” Rozsa Fischer se encostou para trás e deixou as páginas repousarem sobre o cobertor de lá. “O Doutor Turley é muito bom, mas ele não é tão esperto.”

Robert esperou que nenhuma reação tenha aparecido em seu rosto. Dr. Turley era o doutor preferido da agência porque

ele atendia em casa. Este parecia ser seu talento principal.

“Eu quero lhe dizer uma coisa, Robert.” Rozsa Fischer parecia surpreendentemente majestosa para alguém deitada em uma cama mecânica. Seu cabelo era grisalho e apenas um pouco fino, seus olhos leitosos estavam alerta. “Eu vejo que sua esposa não está alimentando você.”

Normalmente ele teria dado risadas. Mas era verdade, ele havia perdido peso nos últimos meses desde que o bebê nasceu. “Eu agradeço a sua preocupação, Sra. Fischer, mas eu estou aqui para discutir os seus— planos. Nós podemos providenciar um advogado e outros serviços—”

“Eu já fiz meu testamento, obrigada.”

“Ah, que bom.” Ainda havia o funeral, as contas atrasadas, e quem ela gostaria que nós contatássemos quando ela morresse; Robert havia sido treinado para discutir estes preparativos. Sem dúvidas, ele havia navegado estas conversas muitas vezes nos últimos anos, procedendo calmamente, ponto por ponto, por todo o livreto que a agência havia providenciado. Mas agora, apenas a noção de um planejamento desses lhe parecia obsceno.

Ele colocou o livreto—*Decisões Oportunas*—na mesinha de cabeceira, ao alcance dela. “Este livreto pode lhe ser bastante útil. Vamos marcar mais uma visita na sexta-feira, assim já deu tempo de você ler o livreto?”

Não que ele achasse certo discutir a morte como se fosse um simples assunto de negócio. Alguns clientes se sentiam afrontados. Outros, como Rozsa Fischer, pareciam geralmente imperturbáveis. Talvez com uma idade avançada assim, a morte já não seja mais assustadora. Ou talvez, se você já sobreviveu Buchenwald, Auschwitz, e a substituição cirúrgica dos dois lados do quadril, a morte pareça algo que você pode evitar indefinidamente.

Lá fora havia começado a chover, gotas grossas e geladas, abril na Nova Inglaterra. O bonde, completamente lotado, estava virado a esquina Packard's Corner, as rodas chiando vagarosamente contra os trilhos. Robert podia ver os estudantes esmagados contra os vidros, fitando impassivelmente seus celulares. Ele pegou seu celular para checar se a Katie estava bem, mas quando sua secretária eletrônica atendeu, ele desligou.

Ele colocou a ponta do cachecol para dentro do casaco e tentou desviar das poças frias de sujeira e lama. Esta parte da Commonwealth Avenue era sempre cinza. Na janela da lanchonete de asinhas de frango, uma placa escrita à mão dizia “OPORTUNIDADE DE TRABALHO QUENTE.”

Ele havia parado de dizer às pessoas, quando lhe perguntavam sobre o seu trabalho, precisamente a quem sua organização ajudava. “Serviços para idosos,” ele fazia questão de dizer, depois de passar anos ouvindo as mesmas piadas. *Você sabe que logo, logo você vai estar desempregado, né?*

Era verdade que no último ano o número de cliente “vencidos” havia dobrado. Quando ele havia aplicado para a posição, no mesmo ano que ele recebeu seu Mestrado em Serviços Sociais, ele ainda não sabia que um quinto dos sobreviventes do Holocausto do mundo viviam nos Estados Unidos. Entre os benefícios que os clientes de Robert recebiam estavam visitas em casa, serviços de transporte, aconselhamento psicológico, e um pagamento de restituição do governo alemão de três mil dólares. Quase oitenta bilhões de dólares pagos desde 1952. E ainda assim, entre os muitos sobreviventes vivendo fora da Alemanha, cinquenta mil ainda não haviam feito o pedido de restituição.

É claro que ao fazê-lo, estariam exumando o passado, para provar que foram internados em um gueto judeu, ou deportados para um campo de concentração, ou que tenham se escondido dos nazistas por pelo menos seis meses. Ainda assim, o dinheiro da restituição continuava a trazer sobreviventes para fora das sombras. Tais como Abe Linder, o próximo caso de Robert, o mais novo cliente dos Serviços para Sobreviventes. Setenta e seis anos de idade.

Um matemático aposentado, Abe vivia bem ali em Brighton. Ele não era bem judeu, ele sempre fazia questão de lembrar a Robert, mesmo que os papéis do seu arquivo dissessem o contrário. Com o sotaque de um conde da Transilvânia, ele explicava, “Eu sou suíço.”

No entanto, ele queria seus três mil, e também as mais de vinte horas de serviços de cuidados em sua casa. “Danem-se os alemães,” como ele dizia. Ele parecia realmente gostar do fato de que era o governo alemão desembolsando o dinheiro. Ele detestava os alemães tanto como ele detestava os judeus.

Robert (meio-judeu, não-praticante) sentiu que não seria certo julgá-lo. Abe com certeza não era o primeiro cliente a ter um desprezo especial a tudo que dizia respeito ao cataclismo que deu forma à sua vida. De acordo com seu arquivo, Abe havia passado mais de um ano escondido com outras sete crianças judias no vão de uma laboratório de física. Quando tinha seus vinte anos ele havia emigrado para Zurique, casado, e criado uma filha que por sua vez casou-se com um americano e trouxe Abe quando sua esposa faleceu. Mas agora sua filha havia se divorciado e se juntado a uma comunidade hippie no Arizona. Abe estava só outra vez.

Ele vivia no primeiro andar de uma grande casa com telha marrom na Washington Street. O batedor da porta era a cabeça de um leão segurando um anel de ferro com a

boca. Do lado de dentro, o apartamento cheirava a caril de alguma cozinha que não se via de uma família do segundo andar. Robert juntou-se a seu cliente na escrivaninha pesada e cheia de coisas obsoletas—um mata-borrão de couro com largas folhas de papel presas nos cantos, um apontador de lápis redondo bem cuidado e uma borracha retangular, um Rolodex grosso com cartões de anotações amarelados. Com Abe ao seu lado, Robert se preparou para preencher a papelada que lhe traria o dinheiro dos alemães.

Abe só queria saber de negócios, não era do tipo de prolongar as visitas. Não era de conversinhas tolas ou de contar histórias de muito tempo atrás. Outros clientes começavam a lembrar o passado com qualquer frase que fosse dita. Tantas histórias! Robert as guardava em sua mente como sinistros contos de fada.

Magda Blum no Danúbio: *Eles nos enfileiraram ao logo do rio. Eu estava no fim da fila. O oficial de frente para mim era jovem, e eu sempre fui bonita. Ele olhou para a direita e para a esquerda, e ele moveu sua cabeça, tipo 'Vai.' Ele estava deixando eu ir embora! Ele não atirou em mim quando eu saí andando. Mas eu podia ouvir os outros levando tiros.*

Hans Aaldenberg no Dia da Libertação: *Então nós fomos ver qual era o problema, onde estava nossa sopa? Mas os guardas não estavam mais lá—eles haviam fugido!*

O Bebê de Yvette Klinger: *Eu estava morrendo de fome quando meu filho nasceu. Eu não tinha leite, eu não podia alimentá-lo. Eu moí alguns feijões e dei para ele. O estômago dele doía tanto, eu pensei que eu ia morrer.*

Essa era a parte onde Yvette Klinger sempre começava a chorar. Não importava que ele já havia falecido há dois anos. Se ele escolhesse, Robert não saberia como descartar as memórias dela. Ou as dos outros. Pedacos de história que,

francamente, serviam principalmente para atrasar as coisas para os ajudantes tentando chegar aos próximos clientes. Hans Aaldenberg levantava, um pé sobre o otomano, limpou a garganta e, com uma voz estrondosa, começava a relembrar o passado como um professor no púlpito, enquanto os ajudantes se mexiam desconfortavelmente e olhavam para seus celulares. Magda Blum havia conversado com o representante da Blue Cross Blue Shield por quarenta e cinco minutos. Nem Robert nem o representante ousavam interrompê-la.

Não que o Robert os culpasse por estas interlúdios. Frequentemente estas recordações eram simplesmente inevitáveis, buracos ao longo do caminho da conversa. Não havia como evitar cair em um deles.

Ainda assim, haviam aqueles que usavam suas histórias sombrias de maneira agressiva, arremessadas como granadas a qualquer desprezo percebido. Alguns até classificavam seus infortúnios competitivamente. Ela nunca esteve em um *campo de concentração*— *Eu* estive em um *campo de concentração*. Ou, *E daí* se ela esteve em um campo de concentração? *Eu* fui exilada e nunca mais vi meus pais novamente. Ou, Ele ainda tem o irmão dele—minha família inteira foi assassinada! O agrupamento indiferente de tantas tragédias se tornava ainda outra ofensa.

Até três meses atrás, Robert havia achado estas classificações meramente curiosas. Ele não havia entendido a necessidade de buscar uma ordem e razão em coisas que nunca fariam sentido.

E quato aos clientes como Rozsa Fischer, que nunca mencionavam suas provações passadas, Robert costumava acreditar que era dignidade em silêncio. Agora ele já não tinha mais tanta certeza. Porque deveria ser menos nobre reclamar com o mundo por ele ter sido tão cruel com você?

Os clientes de Robert haviam perdido suas famílias, suas infâncias, seu tesouros. Alguns haviam perdido seus nomes.

“Apenas um número,” eles diziam, e mostravam a tatuagem em seus braços para ele. Ou, “Eu era uma Baum, mas nós trocamos para Bolgar.” Mesmo quando eles não contavam para ele, Robert via seus documentos. Stern havia se tornado Sterling. Blau havia se tornado Bonner. Kohn havia se tornado Kohl.

“Eu não sei porque diz isso,” Abe Linder dizia agora, do nome carregado de consonantes em seus documentos de restituição. “Está incorreto. Eu sou suíço.”

*

“Nós devemos dar um nome a ela,” Katie havia dito em seu segundo dia no Mass General. Em seus braços ela segurava sua filha, um ser tão pequenino com um rosto perfeito—a boca como a de uma boneca, orelhas pequeninas, nariz, até as pequenas narinas que se abriam com cada respiração.

Um nome. Por meses eles colecionavam os favoritos em um bloco de anotações na geladeira, como uma lista de compras mágica. Havia se tornado um jogo. Alguns chiques: Moxie, Bebe, Bijoux. Alguns antiquados: Delia, Mavis. Outros polidos como de uma mulher de negócios: Sloane, Blake. Mas esta criaturinha, qual nome não a sobrecarregaria? Qual nome não se tornaria uma piada cruel?

Ainda assim, eles teriam que lhe dar um nome. O porque já lhes havia sido explicado.

Nenhum dos nomes de sua lista daria certo. Robert sabia que Katie se sentia da mesma maneira. Talvez tenha sido o Novo Inglês dentro dele que conjurava uma nova lista: aqueles puritanos, pronomes abstratos sem humor que os

Puritanos invocavam para blindar crianças contra tribulações. *Paciência. Honra. Prudência.* Ele se perguntava se ele ousaria sugerir-los a Katie, ou se isso a aborreceria mais ainda.

Parecia uma tarefa impossível. Mas eles tinham que tomar uma decisão. Não era permitido enterrar uma criança em Massachusetts sem um nome.

*

Seu último caso do dia, Emma Klein, tinha oitenta e nove anos de idade. Ela vivia com seu marido em Milton em uma casa onde todas as portas rangiam. Sua memória estava lhe falhando; de acordo com os ajudantes, ela agora se dirigia a eles em sua língua nativa. Seu marido também insistia, mas isso já era comum. Robert havia marcado uma avaliação.

O especialista deveria ter chegado há quinze minutos atrás. Esperando com seu cliente, Robert tragava um chá amargo, quente e escutava as janelas se agitarem com cada brisa. Quando o marido abriu a porta lateral para deixar o cachorro sair, Emma Klein chamou, suas palavras apressadas, assobiando para si mesma. E mesmo falando alemão, Robert—contratado em parte por causa de suas habilidades rudimentares nesta língua—entendeu. Ele teria que contar ao especialista.

Ele contou a Katie naquela noite, enquanto eles comiam palak paneer de micro ondas do Trader Joe's. Eles costumavam fazer duas embalagens de uma vez, mas esta noite eles dividiram uma e bebiam cerveja espumante em canecas de vidro que Robert havia congelado no congelador. “Ela o alertava que se ele não fosse cuidadoso, eles poderiam pegá-lo. O S.S.”

Katie balançou a cabeça. “Como se uma vez não fosse o

suficiente.”

“Ela começou a suar e tremer. Acho que ela pensou que eu também era um deles. Eu não sabia como assegurá-la. Por sorte o psicologista chegou.”

“É, para interroga-la!” Katie deu uma pequena, triste risada.

Foi bom vê-la rindo. E mesmo conversar desta maneira, casualmente, sobre outras pessoas. A cada dia parecia que eles estavam se aproximando mais uma incha do casal que eles haviam sido.

Eles haviam concordado em não trancar este episódio num canto como um tragédia vergonhosa. Às vezes, quando lhe perguntavam se ele tinha filhos, Robert tirava um momento para explicar—e daí se sentia mal por ter empurrado esta história triste sobre algum inocente desavisado. Muitas vezes ele simplesmente balançava a cabeça. Amigos e conhecidos, quando ficaram sabendo o que aconteceu, diziam coisas que para ele nunca pareciam certas: que era com certeza uma benção para a criança não ter tido uma vida severamente comprometida; que ela era um anjo no céu agora; que ela nunca saberia dos desapontamentos da vida.

A caneca de cerveja descongelando, não mais espumante, tinha uma insígnia tola ao lado, de uma celebração de Oktoberfest que agora parecia, como tantas outras coisas, um pouco ridícula—resíduo de uma vida ingênua, frívola. Robert disse, “E se nós fizéssemos uma viagem? Mesmo que só um fim de semana prolongado, para algum lugar quente, Bermuda, Bahamas.” Ele estava esperando para sugerir mas estava preocupado em soar superficial. E também seu salário não era o suficiente para nada extravagante. Mas ele queria, precisava, fazer alguma coisa para marcar uma pausa entre o passado e o futuro deles.

Katie segurou as mãos dele nas suas. Era ela quem gostava de férias na praia; Robert tinha a tendência de se tornar inquieto. “Para que você possa ficar queimado do sol e nervoso?” Ela apertou sua mão. “Obrigada, bub. Eu vou pensar no caso.”

*

Ela havia feito tudo o que os livros e websites disseram, bebeu milk-shakes de proteína, nadou três vezes por semana. Robert a observou praticando os exercícios de respiração recomendados; ele até escutava música que diziam ser espiritualmente gratificante para um feto em desenvolvimento. Tudo parecia estar indo bem, e nada estranho havia aparecido nos exames. Ela era jovem o suficiente tanto que depois de cinco meses eles pararam de fazer os exames de vez. Mas quando ela entrou em trabalho de parto (dois meses mais cedo, e até isso parecia ser possível) o pequeno ser que havia nascido dela pesava apenas quatro libras e não possuía mãos ou pés—e tampouco, eles logo descobriram, possuía órgãos vitais suficientemente desenvolvidos.

Em uma era de leituras digitais, análises sanguíneas e testes de ultrassom, o fato de ter sido uma surpresa foi a parte que ninguém, quando Robert mais tarde confessou a notícia, parecia capaz de acreditar. Como se fosse alguma loucura da parte do Robert e da Katie que preveniu que qualquer dica se revelasse a eles. Mas os doutores os asseguraram de que não havia sido culpa de ninguém. O que quer que tenha acontecido de errado aconteceu depois dos exames de ultrassom e dos outros exames. Eles não poderiam saber, nada poderia ter sido feito. Sua filha simplesmente não possuía o que era necessário para sobreviver.

E ainda assim, eles teriam que aguardar cinco dias, neste caso, para ela parar de tentar.

*

Quando, na sexta-feira, Robert retornou para ver Rozsa Fischer, ele ficou alarmado ao encontra-la de pé e fora da cama, apoiada em seu andador de quatro rodas. Sua cabeça balançava em seu pescoço fino, com a pele solta, seus membros longos de marionete magricelos e estranhos ao persistir em ir de encontro a ele. O aroma de alguma coisa assando fluuava da cozinha.

Robert pendurou seu casaco na estante de madeira e fitou o pé inchado de Rozsa Fischer, o pé enfaixado, forçado para dentro de seu chinelo felpudo. Dr. Turley havia dito mais de uma vez que se a infecção não acalmasse, eles teriam que amputar.

“A enfermeira disse que a senhora pode andar com esta perna?”

“Estas suas enfermeiras. Cada uma mais gorda que a outra.”

Havia até um pouco de cor em suas bochechas. Agora que ele estava mais próximo, Robert também percebia—mais com curiosidade do que com preocupação—que a verruga pré-cancerosa que eles fizeram questão de remover cirurgicamente já estava crescendo novamente.

Rozsa Fischer disse, “Eu assei um bolo de carne, um Meatloaf pra você.”

“Sra. Fischer—”

“Eu não tomei nem o ibuprofen hoje, Robert. Eu acordei e não senti dor. Eu pensei, uau, talvez eles estejam certos e eu esteja morta.”

Ela certamente parecia estar na melhor forma dos últimos meses, talvez até do último ano. Um momento estranho, Robert supôs, para conversar sobre *Decisões Oportunas*.

“Robert.” Com seu andador de rodinhas, Rozsa Fischer estava progredindo aos poucos até a sala de desenhos. “Você deve *comer*.”

Foi aí que a campainha tocou. Os olhos de Rozsa Fischer se arregalaram. “Eu tenho que ir depressa.” Ela começou a lenta, desajeitada jornada corredor abaixo.

“Você gostaria que eu atendesse a porta?”

Ela estava se dirigindo persistentemente para o quarto e nem respondeu.

A campainha tocou novamente. “Um minuto,” Robert gritou. Mas ele não se apressou para chegar até o saguão. Dr. Turley já havia entrado e estava colocando a chave novamente dentro da caixa.

“Robert, olá!” Dr. Turley trotou até ele e apertou sua mão. Rápido forte aperta-aperta. Ele estava excessivamente em forma e não estava perdendo os cabelos de jeito nenhum, o que sempre fazia Robert se sentir inferior.

Robert disse, “Eu estava prestes a ir embora, na verdade.”

De dentro do quarto, Rozsa Fischer gritou, “Leve o seu Meatloaf!”

Dr. Turley ergueu as sobrelhas e em uma estrondosa voz de palco disse, “É você jovem senhora?” Ele já passava por Robert, dizendo cavalheirismos.

Robert se dirigindo para a cozinha, onde o Meatloaf, embrulhado em papel alumínio, estava encima do fogão. Ela deve ter tirado um pouco antes dele chegar. Como é que ela conseguiu? O ajudante da tarde deve ter ajudado. Em suas mãos o bolo de carne estava quentinho e rendendo.

Ele podia ouvir Dr. Turley—jocosos, alto—enquanto ele

retornava para o corredor. Robert colocou a cabeça para dentro do quarto, para agradecer Rozsa Fischer e para avisar que estava indo embora.

“Agora, escute aqui, jovem senhora,” Dr. Turley dizia, enquanto Robert chamou a atenção dos olhos de Rozsa Fischer e mostrou o Meatloaf, “É melhor você seguir as ordens do seu doutor!”

Robert foi embora rapidamente. Se ele ficasse, ele poderia dizer algo rude.

*

A doutora no hospital tinha uma grande trança grossa grisalha. Seu rosto não mostrou emoção alguma quando, explicava o caminho que a vida de sua filha tomaria, ela disse baixinho, “Eu sinto muito.”

Isso foi no primeiro dia, no quarto onde Katie ainda se recuperava. A doutora soava estar sendo sincera o suficiente, mesmo que sua postura, ou talvez fosse o jeito das pessoas da Nova Inglaterra, permitia que ela parecesse impassível. Foi o capelão do hospital, um camarada que parecia ser jovem demais para o trabalho, que ficou na cabeça de Robert.

Eles não haviam pedido por ele. Eles estavam sentados silenciosamente, observando sua filha dormindo. Era o quarto dia, sua centésima hora ao lado dela. Quando o chapelão parou na porta para perguntar se ele poderia ser útil—levemente, com um tom calmo, relaxado que o fazia soar como se ele pudesse ser da Califórnia—Katie havia surpreendido Robert balançando a cabeça.

Ela disse, “Venha ver nossa filha.”

Eles ainda não haviam lhe dado um nome. Era muito mórbido, uma tarefa muito fútil. Por mais que em sua

cabeça Robert adicionou à sua lista (Amizade, ou Fé, ou Misericórdia), nenhum nome parecia certo.

O capelão parecia ter vinte e tantos anos, com um rosto sem rugas e um corte de cabelo desgrenhado cacheado nas pontas. Robert sentia um ar de tranquilidade dele, como se ele acabasse de vir de um jogo de vôlei. Provavelmente era a sua fé que lhe dava este olhar despreocupado. Robert não podia evitar sentir inveja destas pessoas, inveja de sua convicção, na qual ele não compartilhava e não poderia usar para traduzir este desastre de maneira a torna-lo significativo de alguma maneira. Ele havia visto de relance aquela confiança em uma visita que ele e Katie fizeram, no começo de seu romance, à casa de Emily Dickinson, nunca havia se esquecido das simples palavras em sua lápide: CHAMADA DE VOLTA.

Como uma placa na porta de um escritório; chamada para resolver algum negócio urgente. Que reconfortante senso de si mesma, de indústria, necessidade. O oposto de Robert, que ainda havia de encontrar propósito em sua vida, quem dirá em sua eventual morte. Mesmo que seus trabalhos diários tinham o rótulo de “provedor,” seu Mestrado em Serviços Sociais ainda não havia lhe dado lucro. Sem o salário de Katie ele mal conseguiria sustentar os dois. Seu seguro de saúde vinha através do emprego de Katie como bibliotecária na universidade.

No quarto do hospital, ele sentiu um surto de algo parecido com ciúmes quando o capelão se aproximou de sua filha adormecida. Ele parecia tão jovem e sereno, divinamente blindado contra o devaneio da morte.

O capelão estava de pé calmamente sobre o berço de vime e a fitava—sua criança imperfeita com o perfeito rosto de boneca.

O rosto do capelão então fez alguma coisa. Um pequeno

espasmo. Nada alarmante; mais como uma surpresa. Talvez até espanto. O que ele esperava? Não essa pequena coisinha cochilando. Ele olhou para ela e parecia que ele não estava mais simplesmente realizando um ritual, nem as ações automáticas de seu dia, mas vendo, absorvendo, sua criança.

E então o chapelão começou a piscar, um esforço, Robert percebeu, para não chorar. Robert o viu pressionando seus lábios como se tentasse evitar que sua boca estremecesse. Mesmo depois dele ter recuperado sua compostura, o chapelão parecia um pouco desnortado.

Ele se virou para eles, então, e disse, com um tom de perplexidade, “Ela é como uma pequena joia.”

Quando Robert pensava sobre aqueles dias no hospital, este era o momento onde ele se encontrava com frequência. A apreciação deste estranho por sua criança e por sua calamidade particular. Naqueles poucos momentos, esta outra pessoa havia segurado uma porção de sua tristeza.

*

Durante as próximas semanas, o clima melhorou, o sol aquecia o carro entre uma visita e outra. Robert percebeu que receava a mudança de estação. Os dias curtos do inverno deixavam menos tempo para suportar, as poças cinzas de neve combinavam com seu humor. Agora haviam raios de sol e o alívio palpável de uma cidade inteira que conseguiu atravessar os espasmos finais do inverno.

Era uma tarde clara de sexta-feira quando ele terminou de coordenar as últimas consultas médicas de Hans Alderman. Ele voltou para fora e encontrou a esquina Coolidge Corner ensolarada e agitada, apenas uma pequena brisa no ar. Na Beacon Street o bonde tocava seu pequeno sino e empurrava

vagarosamente para frente.

Rozsa Fischer não vivia muito longe dali. Robert imaginava o livreto de Decisões Oportunas sobre a mesa ao lado de sua cama. Mesmo com o Dr. Turley insistindo que ela já deveria estar morta a essas alturas, Robert não havia recebido tal notícia. Sua rua, Babcock, ficava no caminho do último caso do dia.

Em seu prédio, ele removeu seu boné e apertou seu número no interfone. Ele esperou bastante tempo até ela atender o telefone. Escutando sua voz, grossa e lenta, ele se sentiu culpado por acordá-la.

“Não, você sobe aqui—Eu quero ver você.”

Robert subiu pelas escadas em vez de pegar o elevador. Ele abriu a caixa das chaves. O saguão estava silencioso enquanto ele removia sua jaqueta e dizia, “Sou eu.”

“Venha aqui.” Sua voz vinha do quarto. Ela estava deitada sobre os cobertores, vestindo um suéter amarelo, calça cinza, e uma meia branca. O outro pé, infeccionado, estava muito inchado e enrolado em gaze, apoiado sobre um cobertor grosso dobrado. Do lado oposto da cama estava o carrinho da enfermeira com seus cotonetes, curativos, iodo, e um grande pote do antibiótico Cipro.

Rozsa Fischer franziu a testa para ele. “Sente-se.” Ela disse como se tivesse um pedaço de tecido enrolado debaixo da língua. “A enfermeira me disse que você está saindo de férias.”

“Estou sim, sem dúvida.” Robert olhou para seu pé inchado. “Parece que dói.”

“Você vai para algum lugar quente?”

“Bahamas, cinco dias. O Dr. Turley já viu o seu pé?”

“Robert, eu quero lhe dizer uma coisa.” Rozsa Fischer alcançou vagarosamente sua xícara de água. O ajudante da tarde era famoso por deixar copos com água em toda a

superfície possível, para que um sempre esteja ao alcance. Robert observou Rozsa Fischer beber, um ato simples que requeria tanto esforço. Bem devagar ela colocou a xícara na mesa outra vez. Ela começou a falar.

“No campo de concentração nós estávamos com muita fome. Eu tinha feridas por todo o meu corpo. Um dia, uma cebola rolou de um carrinho. Antes que eu pudesse pegá-la, outra garota a pegou. Ela também estava morrendo de fome, ela poderia ter comido cem cebolas. Mas Robert, ela compartilhou comigo. E as feridas do meu corpo, elas *curaram-se.*”

Ela parecia contrair-se. “Sra. Fischer, você está com dor?”

“Você está vendo, Robert, por que você deve comer?”

Robert buscou sua face para ver se havia alguma explicação ou uma simples declaração—que uma pessoa poderia curar-se. Ou será que esta história era para ele? Ele imaginou que algum outro “provedor” pode haver mencionado algo para ela. Dito o que aconteceu com o bebê. Ou talvez ela simplesmente tenha percebido que ele perdeu peso.

Robert olhou para sua xícara de água, no carrinho da enfermeira abastecido de suprimentos. Seu pulso, ele percebeu, estava acelerado. Ele ouviu a si mesmo dizendo. “Quatro meses e meio atrás, nossa filha nasceu. Ela estava muito doente. Eles nos disseram que ela não sobreviveria. Mas demorou cinco dias.”

No fim daqueles cinco dias ele sentiu uma exaustão como nunca havia sentido antes. Não só o seu coração mas seu rosto, seus ossos, até atrás de seus olhos doíam. E ainda assim a cada dia passado naquele quarto de hospital, algo mais estava acontecendo, crescendo. Um senso dele mesmo como o pai daquela pequena criatura como sua filha.

Rozsa Fischer disse, “Eu sinto muito por você, Robert.”

Ele imediatamente sentiu vergonha. Por ter arrancado sua dor e esparramar aos pés de uma mulher que está morrendo. Mas algo o mantinha parado ali ao lado da cama, amassando seu boné em suas mãos.

Ele sentiu seu rosto esquentando. “Seu nome era Ruby.”

Às vezes quando ele encontrava Katie chorando, e a abraçava, e sussurrava sentimentos inúteis, ele pensava nesse nome para si mesmo, como parecia haver sido entregue em suas mãos, e a maneira calorosa na qual mantinha sua criança dentro dele. Que na maior parte do quarto dia, e em todo o quinto, sua criança foi Ruby, viva. E mesmo tendo nascido longe da vida, ela permanecia sendo Ruby, a que havia sido desejada e de quem sentiríamos saudades. Às vezes isso ajudava.

“Ruby.” Rozsa Fischer balançou sua cabeça com pesar. “Lindo.”

Robert observava a cabeça pesada, os ombros de marionete. Ele imaginava se a veria novamente, ou se ao retornar de suas férias encontraria mais um nome cruzado de sua lista, adicionado àquela outra coluna de nomes, os públicos e os secretos, particulares que ele era permitido saber.

Ele disse, “Eu não tive a intenção de falar sobre mim mesmo. Eu só queira checar como você estava. Eu devo ir embora agora.”

“Eu também, Robert.” Uma lenta, quase silenciosa risada. Mas ela ainda estava aqui.

Sobre a Autora

Daphne Kalotay é uma autora de Somerville, Massachusetts. Sua coleção *Calamidade e Outras Histórias* fez parte da lista de finalistas para o prêmio 2005 Story Prize, e seu romance *Inverno Russo* ganhou o prêmio Writers' League of Texas Fiction Prize daquele ano. Seu romance mais recente, *Leitura em Voz Alta* foi o vencedor do prêmio de 2014 New England Society Book Award de Ficção. Ela é uma professora no Princeton University.

Copyright © 2017 por Daphne Kalotay.

Tradutor: Thais Malon-Geoghegan.

Nosso formato foi inspirado por *One Story* (Uma História) (www.one-story.com), uma revista literária sem fins-lucrativos que publica um conto a cada três semanas.

The Boston Book Festival

32R Essex Street

Cambridge, MA 02139

857.259.6999

www.bostonbookfest.org

Fundador e Diretor Executivo: Deborah Z Porter

Diretor Substituto: Norah Piehl

Diretor de Operações: Sarah Howard Parker

Gerente do Projeto One City One Story: Madelene Nieman

1C1S Committee: Alicia Anstead, Callie Crossley, Bridget Gildea, William Giraldi, Henriette Lazaridis, Ladette Randolph, and Christina Thompson.

Readers: Elisa Birdseye, Mark Krone, Niki Marion, Sheila Scott, and April Wang.

Para maiores informações sobre grupos de discussão, encontros, traduções, e nosso concurso de redação 1C1S, visite a página www.bostonbookfest.org/one-city-one-story.



OCTOBER 28, 2017
COPLEY SQUARE

WWW.BOSTONBOOKFEST.ORG

BookBub